



A escola está na internet e o internetês está na escola. E agora, professor?

The school is on the internet, and the net speaking is on the school. And now, teacher?

La escuela está en la internet y la jerga de la internet está en la escuela. ¿Y ahora, professor?

Martha Maria Prata-Linhares - Universidade Federal do Triângulo Mineiro | Uberaba | Minas Gerais | Brasil | martha.prata@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-0114-3532>.

Daniele Campos Botelho - Universidade Federal do Triângulo Mineiro | Uberaba | Minas Gerais | Brasil | daniele.dx@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-5064-1581>.

Resumo: O isolamento social imposto pelo momento histórico vivenciado pela pandemia da COVID-19 levou grande parte das escolas e suas salas de aula para os espaços virtuais. Ao levar a sala de aula para a internet, a linguagem da internet, o internetês, também passa a ser parte das aulas. Reconhecendo o internetês como uma variante linguística, o artigo tem como objetivo analisar as produções acadêmicas recentes que abarcam a temática na relação com a formação de professores a partir de uma revisão da bibliografia. Os trabalhos analisados assinalam aspectos ora considerando o internetês como algo nocivo à educação, ora como um dialeto a ser explorado pela educação escolar nas práticas linguísticas dos alunos. Ao concluir o percurso de revisão bibliográfica, encontramos um reduzido número de publicações acadêmicas, nos levando a pensar que o internetês ainda é um tópico pouco discutido na formação de professores, sinalizando a necessidade de aprofundamento e formações docentes que articulem discussões a contribuir com a expansão teórico científica do tema.

Palavras-chave: Linguagem da internet. Ensino escolar. Escola. Formação de professores. Revisão bibliográfica.

Abstract: The social isolation imposed by the historic moment of the COVID-19 pandemic has taken a large part of schools and their classrooms to virtual spaces. Taking the classroom to the internet, the netspeaking becomes part of the classes. Recognizing the netspeaking as a linguistic variation, this paper aims to analyze recent academic productions about the netspeaking theme in relation to teachers education through a bibliography review. The analyzed works point out positive and negative aspects of netspeaking in students' linguistic practices. At the end of the bibliographic review process, we consider that the topic is still incipient, because of the few academic publications found, giving us reasons to believe netspeaking is still a rarely discussed topic in teacher's education, showing us the importance of teachers training programs to articulate discussions contributing to the scientific and theoretical expansion of the theme.



Keywords: Net speaking. School education. School. Teacher education. Literature review.

Resumen: El aislamiento social impuesto por el momento histórico vivido por la pandemia de COVID-19 llevó a gran parte de las escuelas y sus aulas a espacios virtuales. Al llevar el aula a Internet, la jerga da internet también pasa a formar parte de las clases. Reconociendo la jerga da internet como una variante lingüística, este artículo tiene como objetivo analizar las producciones académicas recientes que engloban el tema de la jerga da internet en relación con la formación del profesorado a través de una revisión de la bibliografía. Los trabajos analizados señalan aspectos positivos y negativos de la jerga da internet en las prácticas lingüísticas de los estudiantes. Al final del proceso de revisión bibliográfica, consideramos que el tema aún es incipiente, dado el escaso número de publicaciones académicas encontradas, razón que nos lleva a pensar que la jerga da internet sigue siendo un tema poco discutido en la formación de los profesores, señalando la necesidad de una formación que articule discusiones para contribuir a la expansión científico-teórica del tema.

Palabras clave: Jerga da internet. Educación escolar. Escuela. Formación de profesores. Revisión bibliográfica.





1 Introdução

O isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19 alterou as relações da escola – e seus atores – com a tecnologia, as mídias e a internet. A sala de aula da educação básica deixou de ser definida como um espaço exclusivamente físico e passou a ser também um espaço virtual, acessado e permeado por diversos dispositivos e mídias digitais. Os desafios foram e ainda são múltiplos: o acesso, a adaptação, a inclusão digital, o letramento digital requerido, a não familiaridade com os dispositivos e a própria mudança brusca do paradigma físico/virtual estão entre os maiores receios e anseios vividos por alunos, professores, instituição escolar e famílias no Brasil e no mundo (MUTTON, 2020).

Passada a turbulência inicial, mas com o isolamento social ainda vigente, é possível reconhecer algumas particularidades advindas do modelo de ensino remoto emergencial instaurado no cenário educacional brasileiro, entre elas, uma crescente incorporação de uma variante da língua portuguesa própria de ambientes informais de comunicação digital nos contextos escolares que foge à norma culta da língua portuguesa. Abreviações de palavras, inserção de símbolos imagéticos e variações nos processos de coesão referencial são algumas das particularidades linguísticas desse dialeto vindo do âmbito virtual e que tem sido chamado de internetês ou linguagem da internet.

A chegada do internetês na escola já sinalizava um tópico de interesse de estudiosos da língua e despertava a atenção da comunidade científica muito antes do momento histórico da pandemia da COVID-19, em que escolas do mundo inteiro passaram a operar aulas remotamente utilizando as tecnologias digitais. Autores como Komesu e Tenani (2015), apontaram um aumento antes da pandemia desse interesse pelo internetês nas escolas e de propostas de atividades pedagógicas que o respaldasse.



Autores brasileiros ligados ao campo de estudos da Linguística, como Scaramal e Kraemer (2011), Modesto (2011) e Bezzerra (2013), dedicaram pesquisas a investigar as particularidades dessa linguagem considerada própria de contextos de interações sociais digitais antecedentemente ao cenário pandêmico que vivemos atualmente. Suas pesquisas tratam de buscar compreender os fenômenos linguísticos por trás de uma transmutação da língua portuguesa, influenciada pela cultura digital e pelo advento da Internet. Contudo, o fenômeno linguístico em questão, o internetês, ganha destaque nos dias atuais pela ascensão do fator digital em tempos de isolamento social.

Scaramal e Kraemer (2011) investigam a influência da Internet nas variações linguísticas. Para os autores, a língua portuguesa tem sofrido impactos em sua modalidade culta, conforme é usada pelos internautas brasileiros. Os gêneros textuais digitais e as situações dialógicas virtuais materializam particularidades linguísticas que se configuram como o que os autores chamam de "ortografia digital". Os estudiosos comentam a integração de neologismos ao léxico, como os verbos "deletar" e "teclar" e o uso de imagens – os emojis¹ – como recurso para complementar sentidos, traduzir emoções e reiterar a entonação do interlocutor, e afirmam que a linguagem utilizada no computador está sempre relacionada ao condicionamento do tempo e do espaço no momento de interação, e, por isso, a abreviação de palavras visa à economia de tempo e espaço tendo em vista a agilidade visada nas interações virtuais síncronas. Recursos como o uso de letras maiúsculas podem conferir sentidos como um tom exacerbado do interlocutor, simulando um grito, e a pontuação acaba fazendo-se desnecessária, e por isso, abolida. (SCARAMAL; KRAEMER, 2011).

¹ "Emoji" é um termo de origem japonesa (e (絵) "imagem" + moji (文字) "letra", considerado um pictograma, e representa, numa pequena imagem, uma ideia, palavra ou frase completa, configurando uma forma de comunicação paralinguística (<https://www.significados.com.br/emoji/>).



Modesto (2011) parte da função sociocomunicativa da língua para discutir as influências do fator digital na linguagem. Para o autor, há uma premissa que deve nortear toda a questão da busca por compreensão dos impactos na língua trazidos pela Internet: as interações comunicacionais online – nos chats, redes sociais digitais e quaisquer plataformas de comunicação instantânea – reúnem, simultaneamente, características dos paradigmas da fala e da escrita. O autor explica que, embora os interlocutores sentem-se falando, está em contato por um canal eletrônico que os obriga a escrever, e por isso, interagem construindo um texto “falado por escrito”. (MODESTO, 2011, p. 18).

Ao tratar do tema, Bezerra (2013) critica fortemente o senso comum de que o internetês corresponde a uma nova linguagem, e ainda, trata o internetês não como uma variante linguística, em número singular, mas um conjunto de usos da língua que revelam sua diversidade, agora também nos ambientes digitais. Para o autor, a internet não criou uma nova linguagem, mas contribuiu para a visibilidade de linguagens que já existiam e tem por referência uma língua materna compartilhada pelos internautas. Sobre essa “linguagem da internet”, o autor a considera um conjunto de variedades escritas do português brasileiro e seus usos evidenciam, justamente, a heterogeneidade da língua. (BEZERRA, 2013, p. 3).

Em seu estudo, o autor revela um posicionamento questionador diante das afirmações veiculadas por estudiosos interessados em uma utópica cristalização da língua portuguesa. Então, Bezerra (2013) propõe-se a discutir a assertiva de que o internetês não obedece a regras linguísticas e é, portanto, considerado um uso agramatical da língua. O autor contrapõe:

[...] o internetês, como qualquer outra variedade de uso (falado ou escrito) da língua portuguesa, só poderia ocorrer se regido por normas. É um contrassenso imaginar alguma possibilidade de comunicação sem a obediência à gramática,



aqui entendida como o conjunto de possibilidades e restrições combinatórias próprias de uma determinada língua. O internetês, como as demais variedades de uso da língua, se orienta por normas criadas, mantidas ou modificadas pelos próprios usuários no curso da interação. A presença de regras no internetês é evidente. Por exemplo, o usuário pode abreviar você como vc, mas nunca como oê. Ou seja, a norma determina que as vogais podem ser omitidas, mas não as consoantes. (BEZERRA, 2013, p. 8).

Os estudos supracitados têm, em comum, a preocupação com a legitimação da variante linguística internetês como um sistema de regras próprias, que regem seu funcionamento e ditam o que é permissível e o que não é permissível, considerando a premissa da efetivação da comunicação entre os interlocutores, sua função por excelência.

De forma semelhante a Scaramal e Kraemer (2011), Modesto (2011) e Bezerra (2013), assentindo a tarefa de averiguar os usos que os falantes fazem da língua, ressaltamos a importância de também reconhecer o enfoque da língua enquanto objeto de ensino escolar. A variante linguística internetês, como fenômeno linguístico diacrônico (que considera as modificações que a língua sofre ao longo do tempo), a manifestar-se nas práticas de leitura e escrita escolar dos alunos, requer respectivas investigações, ponderando também o campo de estudos formação de professores. Consideramos relevante investigar de que forma o tema internetês vem sendo tratado nos espaços de formação docente para conhecer de que forma os professores estão sendo preparados para lidar com essa variação linguística que, mais do que nunca, vem entrando pela porta da sala de aula.

Para discutir o tema, este artigo é dividido em três seções: o segmento inicial tem como foco a formação de professores e apresenta como o tema tem sido tratado nesses espaços, trazendo o percurso metodológico de busca e agrupamento da bibliografia analisada; um segundo segmento que discute a produção acadêmica selecionada, salientando os pontos e contrapontos assinalados pelos pesquisadores do



tema; e por fim, a terceira parte apresenta as considerações finais acerca da temática pesquisada.

Este artigo faz parte do arcabouço da investigação com o título Da Internet para a sala de aula: as percepções de futuros professores sobre as influências do internetês na escrita escolar, que vem sendo desenvolvida no projeto Educação e impactos da pandemia provocada pela COVID-19.

2 Internetês e a formação de professores: uma revisão da bibliografia

Ao envolver o tema internetês no campo da formação de professores, é possível investigar se e como professores vêm sendo formados para discutir e mobilizar conhecimentos a respeito dos usos da língua portuguesa em interface com a cultura digital, caracterizando tarefa relevante na problematização das influências e desdobramentos do internetês na dinâmica sociocomunicacional entre os sujeitos falantes de uma língua. São os professores que estão nas escolas e nos processos de ensino e aprendizagem mediados pela língua portuguesa e, portanto, serão eles que irão reforçar, incentivar ou discriminar a maneira como os alunos e alunas se expressam e comunicam entre si. Serão eles que, emitindo seus juízos de valores, irão dizer se é certo ou errado o uso da língua da internet na educação escolar.

Com a intenção de tomar conhecimento sobre a discussão do tema internetês no campo formação de professores a partir do enfoque da língua enquanto objeto de ensino escolar, procuramos reunir e analisar a produção acadêmica que discuta a temática sob o enfoque supracitado na forma de revisão de literatura.

A revisão da literatura foi realizada a partir de buscas em dois grandes bancos de dados, a saber, o banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Banco de Dissertações e Teses da



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Procedemos as buscas pela inserção combinada dos descritores “formação de professores”, “internetês”, “escrita digital” e “cultura digital”, sendo sempre a inserção do descritor “formação de professores” com um dos demais descritores, e concentramo-nos em publicações acadêmicas situadas nos cinco anos anteriores à publicação desse artigo, entre o ano de 2005 e o ano de 2020.

O quadro 1 apresenta o número de publicação encontradas na busca de cada uma das combinações dos descritores inseridos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no Banco de Dissertações e Teses da CAPES.

Quadro 1 – Busca de trabalhos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Descritores buscados	Resultados de busca na BDTD	Resultados de busca no banco de teses e dissertações da CAPES
formação de professores; internetês	177	0
formação de professores; escrita digital;	2	0
formação de professores; cultura digital	44	34
TOTAL	223	34

Fonte: Elaboração própria.

A partir da inserção dos descritores combinados nos dois bancos de dados foram encontrados 257 resultados, entre artigos, teses e dissertações. Então, a fim de refinar os resultados para conhecer quais publicações de fato se aproximavam do tema pesquisado, aplicamos critérios de seleção. O primeiro critério de seleção aplicado foi a leitura do



título, e, quando não suficiente, a leitura do resumo configurou-se como o segundo critério de seleção na triagem dos resultados. Assim, dentre os 257 resultados iniciais, apuramos um total de 16 trabalhos de afinidade temática para posterior análise mais detalhada.

Dentre 16 trabalhos selecionados, sendo 6 vindos do banco de dados BDTD e 10 vindos do banco de dados da CAPES, realizamos a leitura minuciosa dos seus respectivos resumos como o terceiro critério de seleção. Finalmente, após o terceiro critério de seleção, elegemos seis produções acadêmicas que, pela estreita similaridade do tema, foram consideradas pertinentes ao interesse do presente trabalho.

Destarte, estes trabalhos remanescentes, compreendendo cinco artigos e uma dissertação, foram analisados sob uma leitura completa e criteriosa, permitindo declarar, a afinidade com o tema internetês a partir da perspectiva de língua enquanto objeto de ensino escolar. Ao chegar neste número final de 6 trabalhos acadêmicos é possível considerar o estado incipiente do tema em pesquisa científica, especialmente em investigações de maior magnitude, como dissertações e teses. As seis publicações acadêmicas resultantes do percurso de seleção são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 – Publicações selecionadas para leitura completa e análise

Autor(es)	Título da publicação	Ano de publicação	Tipo de publicação
Ribas, Pinho e Lahm	A influência da linguagem formal na linguagem formal de adolescentes	2007	artigo
Fruet, Winch, Fagan, Zemolin e	Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa?	2009	artigo
Laughton	Do papel às telas: novas perspectivas do processo educacional	2015	artigo



Barbosa		Metamorfoseando a escrita: transposição de marcas e estratégias gráficas no <i>whatsapp</i> para a redação escolar	2018	dissertação
Gomes Correa	e	Escrita teclada x escrita padrão na produção textual: a experiência de adolescentes brasileiros	2009	artigo
Oliveira Santana	e	O internetês e as novas configurações da escrita na língua portuguesa	2018	artigo

Fonte: Elaboração própria.

3 O internetês chegou à escola: o que dizem as pesquisas

De posse das seis publicações resultantes da nossa revisão da literatura, a saber, Ribas, Pinho e Lahm, (2007), Fruet, Winch, Fagan e Zemolin (2009), Laughton (2015), Barbosa (2018), Gomes e Correa (2009), e Oliveira e Santana (2018), e após proceder a leitura cuidadosa a fim de comparar a afinidade temática no percurso de revisão bibliográfica, alguns dos tópicos apresentados pelos autores foram selecionados para análise, a fim de levantar discussões sobre a temática.

O trabalho de Ribas, Pinho e Lahm, (2007) consiste no artigo “A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes” e é fundamentado em uma pesquisa realizada a partir da análise documental de produções textuais legítimas, colhidas em ambiente escolar e produzidas por alunos da sexta série do Ensino Fundamental, na tentativa de analisar se a linguagem virtual influencia a linguagem formal.

A primeira questão levantada pelos autores se dá no fato de a linguagem virtual em sua modalidade escrita aproximar-se muito mais do sistema de funcionamento da oralidade do que da escrita propriamente (RIBAS; PINHO; LAHM, 2007). Prova disso, segundo os estudiosos, é o valor semântico dado aos caracteres imagéticos inseridos, os *emojis*, para



marcar a intencionalidade do tom com que a informação enviada é registrada. Segundo os autores, é importante admitir que o internetês conta com uma extraordinária criatividade de seus usuários, como o emprego de símbolos imagéticos (os *emojis*) na intenção de marcar a entonação da voz, expressar sentimentos e indicar a expressão facial do interlocutor e assim evitar mau-entendidos (RIBAS; PINHO; LAHM, 2007).

Em suas considerações finais, os autores avaliam, a partir da análise das produções textuais colhidas, que a escrita virtual exerce influência na escrita formal, pela identificação de traços desta linguagem própria de contextos digitais materializados na escrita escolar dos alunos, como abreviações de palavras, alongamento de vogais e inserção de caracteres com o intuito de expressar entoação e sentimentos (RIBAS; PINHO; LAHM, 2007). Os autores assumem, ainda, que tal influência é negativa, porque prejudica a compreensão do texto, e inclusive “passa a atingir o raciocínio dos alunos, que com a utilização constante desse tipo de linguagem, e sem o apoio de um trabalho sob a abordagem pedagógica, vão, aos poucos, limitando seu pensamento” (RIBAS; PINHO; LAHM, 2007, p. 9).

Embora associado ao descritor “formação de professores” quando localizado no percurso de busca realizado, o artigo em questão não aprofunda essa esfera da problemática abordada, ademais, concebe que o compromisso relacionado à formação de professores seria a competência de uma abordagem pedagógica para “corrigir os desvios” (RIBAS; PINHO; LAHM, 2007, p. 10).

De forma semelhante, e apoiando-se numa concepção tradicionalista da língua, em que a linguagem é tomada como um sistema fechado, regido por normas rígidas e socialmente estanque, Laughton (2015) desenvolve sua pesquisa em torno dos impactos – declarados pela autora como sobremaneira negativos – das influências da linguagem dos internautas nos instrumentos de avaliação nacional de escrita: a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A autora atribui o



declínio dos índices brasileiros em avaliações nacionais da educação à cultura digital contemporânea, que, segundo a autora, para além das questões linguísticas que temos comentado até aqui, a alteração dos suportes físicos das atividades de leitura escrita, como a substituição do papel pelo ecrã, promoveu o “comprometimento da educação” (LAUGHTON, 2015). Segundo a autora, o emprego que os falantes fazem da língua ao utilizarem o internetês excessivamente é nocivo para a educação, pois, o uso exacerbado de mídias digitais e “a falta de contato com o papel”, através de textos impressos, leva à perda e confusão das normas da variante padrão da língua (LAUGHTON, 2015).

Já o texto de Fruet, Winch, Fagan e Zemolin (2009), “Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa?”, trata de um artigo publicado por quatro autoras e, como o título transparece, propõe abertura a uma discussão dos impactos positivos e negativos do internetês, tomando-o como um dialeto consolidado na língua portuguesa. A pesquisa, de cunho bibliográfico, reúne opiniões diversas de estudiosos da língua e também traz à tona a afinidade do internetês com o nível oral da língua, ao mesmo tempo em que contempla a escrita. Para as autoras, a questão é complexa porque “o dialeto da internet é diferente da língua escrita e da língua oral. Não temos ainda uma classificação específica, por ser muito recente, sendo que se constitui de uma mistura de ambas. Trata-se de um gênero híbrido” (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 7). Quanto à motivação para tal fenômeno, as autoras explicam:

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 5).



No que tange o campo formação de professores, as autoras já manifestavam grande preocupação com de que modo os professores lidavam e estavam sendo preparados para conceber a conjuntura linguística ocasionada pelo advento do “dialeto internetês” (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 7). Sobre o papel do professor frente a esta circunstância, as autoras trazem a contribuição do professor e linguista Sérgio Nogueira, em pronunciamento feito quando questionado sobre os “perigos” da nova linguagem no ambiente escolar: o estudioso aconselha os professores a não se assustarem com esse novo dialeto, mas procurarem conhecer essa nova linguagem sob a perspectiva de seu aluno, promovendo atividades que reconheçam e explorem esse fenômeno linguístico do internetês em sua real dimensão, sem diminuir sua importância (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009).

Ao delinear suas considerações finais, Fruet, Winch, Fagan e Zemolin (2009) apontam para uma ponderação positiva dos impactos do internetês na escrita escolar. Conforme as autoras afirmam, o surgimento de um dialeto próprio aos ambientes virtuais de comunicação apenas comprova a vitalidade da língua e sua capacidade de transformação ao longo das gerações, e, reconhecer essa variante linguística como um código válido e altamente aceitável em determinadas situações sociocomunicativas, além de contribuir na promoção da criatividade dos jovens que dele fazem uso, evidencia e favorece a construção de suas identidades.

Afinado à Fruet, Winch, Fagan e Zemolin (2009), Barbosa (2018) dedica a pesquisa “Metamorfoseando a escrita: transposição de marcas e estratégias gráficas no Whatsapp para a redação escolar”, publicada em forma de dissertação no ano de 2018, a discutir e analisar como se dão as marcas linguísticas do internetês inseridas na escrita escolar. Para tal, a pesquisadora desenvolveu um trabalho de coleta de dados com produções textuais dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental, num trabalho comparativo entre a escrita formal produzida no ambiente escolar com as



mensagens enviadas em um grupo pelo aplicativo Whatsapp, cujos participantes foram os mesmos alunos. Ao ter delimitado seu problema de pesquisa, Barbosa (2018) declara que supõe se deparar, na fase de análise dos dados, com uma certa “contaminação” da escrita regular que fica restrita a abreviações de vocábulos e inserção de *emoticons*, mas também uma certa internalização de estratégias linguísticas utilizadas em meios digitais de comunicação, como uma escrita comprometida com a brevidade, marcada por truncamentos e expressões coloquiais próprias da oralidade.

Atenta às questões que tangem a esfera formação de professores, Barbosa (2018) empenha-se em compreender como a escola situa-se nesse contexto linguístico e, primordialmente, como o corpo docente tem se posicionado frente às novas linguagens advindas dos recursos tecnológicos atuais. Contudo, de antemão, a autora admite:

Necessariamente essa linguagem chegou à sala de aula. Porém, não há efetivamente a apreciação dessas produções linguísticas produzidas pelos jovens e adolescentes em ambientes digitais, permanecendo muitas vezes o ensino de conteúdos tradicionais na escola e negligenciando essa produção que é real e significativa para seus usuários. Inicialmente vista como invasora, ou seja, entendida como um mal à língua, na escrita e na oralidade dos educandos, pôde-se perceber as marcas desse convívio, mas não foi acolhida e trabalhada pelos professores, ao contrário, por parte de muitos educadores houve mais a preocupação em coibir os usos dessa linguagem na produção escolar” (BARBOSA, 2018, p. 27).

Nesse panorama, a autora reconhece a necessidade de investimento na formação permanente do professorado de língua portuguesa, por ser “urgente e necessária a reforma dos currículos dos cursos de Letras, bem como uma ação formativa consistente e contínua” (BARBOSA, 2018, p. 28), a fim de promover políticas que atendam às necessidades do ensino de língua materna, como organismo vivo e mutável que é, com proposição de novos referenciais teóricos aos Parâmetros Curriculares Nacionais



(PCNs). Trata-se, portanto, segundo Barbosa (2018) de compreender gêneros linguísticos pela sua natureza sociointeracional, a considerar as produções reais da língua como objeto de interesse ao conhecimento pelo dinamismo inerente à língua.

O trabalho de Gomes e Correa (2009) propõe-se a investigar, por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória, se alunos adolescentes transpõem, espontaneamente, características da escrita própria da comunicação nos meios digitais para a escrita escolar. Realizando entrevistas e analisando materiais textuais produzidos pelos oito participantes, as autoras buscaram reconhecer quais as marcas linguísticas caracterizavam a comunicação dos sujeitos participantes nos contextos digitais de interação social dos quais faziam parte e quais dessas características linguísticas migravam para o registro escrito escolar destes alunos.

O texto é introduzido com menção à importância social dos gêneros textuais, e, ao apontar o advento da internet e o progresso tecnológico que veio com ela, as autoras chamam a atenção para a emergência de "gêneros textuais digitais". Ao mencionar o caráter comunicativo da língua, seja em sua modalidade escrita ou falada, as autoras reconhecem especificidades dessa "escrita teclada" nos gêneros textuais digitais que a aproxima do sistema da oralidade (GOMES; CORREA, 2009). Ao se referirem a essas características próprias da escrita teclada por "transgressões", Gomes e Correa (2009) revelam seu posicionamento frente a essas práticas linguísticas, citando ocorrências como o iniciar frases com letra minúscula e o descarte da acentuação de palavras como características de "um uso descompromissado da escrita" que se tornou modismo entre os adolescentes.

Na discussão dos resultados, Gomes e Correa (2009) afirmam que os participantes parecem não transpor para o uso escolar da escrita padrão as características observadas nas interações sociais digitais. No entanto, as autoras comentam que os sujeitos participantes, enquanto



alunos da educação básica, muitas vezes são pressionados a escrever de forma mais ágil, e a supressão de letras para economia de tempo poderia vir a ser tentadora, a depender da tolerância do contexto sociocomunicativo em que a língua escrita é empregada. As autoras não se referem a aspectos da formação de professores.

Já o trabalho de Oliveira e Santana (2018) aborda o internetês enquanto variante da língua portuguesa e discute possíveis prejuízos à norma culta ao considerar sua aquisição e utilização pelos seus falantes. *A priori*, o texto parece considerar apenas os processos linguísticos que estão imbricados no tema, deixando em segundo plano os aspectos do ensino e da esfera de formação de professores.

Ao comentar a questão das abreviações, as autoras ponderam que estas não são um aspecto linguístico recente, mas anterior ao advento do internetês, e recordam abreviações como “Sr.” para senhor e “apto” para apartamento. Ao tratar das “carinhas” (*emojis* e *emoticons*), Oliveira e Santana (2018) também ponderam sobre seu valor comunicacional nos contextos digitais em que são utilizadas, a fim de expressar emoções e sentimentos e, assim, conferir uma maior proximidade com um diálogo face a face.

Ao concluir seu texto, as autoras constataam que antes de preocuparem-se com uma possível sobreposição de uso entre as variantes linguísticas que vêm sendo discutidas – a variante considerada culta e o internetês –, os estudiosos devem se incomodar com a atual abordagem de ensino da língua portuguesa nas escolas, o que constitui desafio maior:

O temor inicial de pesquisadores e linguistas era que o uso da linguagem da internet se sobrepusesse ao uso da Língua Portuguesa padrão. Em parte, essa ampliação do uso do internetês é esperada e vem se confirmando devido ao acesso cada vez maior e frequente das redes sociais. Mas não é o internetês que ameaça o bom uso da LP, mas a dificuldade de adaptação da abordagem da LP nas escolas nesses novos contextos interativos, da incapacidade de mobilização dos estudantes para leituras mais densas e



enriquecedoras, a falta de incentivo à leitura por familiares, a aceleração das interações comunicativas, dentre tantos outros desafios (OLIVEIRA; SANTANA, 2018, p. 9).

Assim, no encerramento de seu estudo, Oliveira e Santana (2018) apontam questões pertinentes à formação de professores, cuja preocupação toca na abordagem de ensino de língua e na necessidade de adaptação à novas realidades trazidas pela cultura digital.

Concebemos a questão do internetês na escola de forma semelhante a Fruet, Winch, Fagan e Zemolin (2009) e Barbosa (2018) por vislumbrar essa variante linguística como uma modalidade legítima da língua portuguesa, como todas as outras. Ligado à cultura digital, o internetês tem se manifestado nos contextos escolares como um reflexo das práticas de leitura e escrita na internet. Nesse sentido, antes de tomá-lo como um desvio da norma culta padrão, é válido reconhecer, na esfera pedagógica, os contextos sociocomunicativos em que o dialeto vindo da internet é congruente, valorizando e explorando esse fenômeno linguístico em atividades escolares.

4 Considerações finais

Como o percurso de revisão da literatura conotou nas etapas de seleção das produções acadêmicas, a pesquisa científica em torno das práticas linguísticas do internetês, na perspectiva de língua enquanto objeto de ensino escolar, ainda é incipiente, visto o pequeno número de trabalhos publicados no tema. No entanto, a temática já divide opiniões quanto seus impactos nos processos de ensino e aprendizagem na escrita escolar. O problema de pesquisa está delineado e os trabalhos analisados contribuem para a discussão dada, mas ainda há um longo caminho a percorrer, sobretudo levando em consideração as questões relacionadas à formação de professores.



A variante linguística internetês permeia os espaços sociocomunicativos dos sujeitos inseridos na cultura digital e a escola, enquanto instituição social, não ficaria de fora. Dar ao professorado o embasamento teórico-científico para lidar com questões que surgem na sala de aula deve ser a etapa inicial de problematização do tema, antecedendo a emissão de juízos de erro e acerto em se tratando do arcabouço linguístico de um dado idioma. Os professores são sujeitos cruciais na discussão do advento internetês na escola e, investir em uma formação docente que reconheça o internetês como uma variante linguística de relevância implica em fomentar a dessacralização da norma culta como única variante de prestígio nos contextos escolares. Assim, será possível reconhecer a multiplicidade da língua e seu papel nas diferentes interações sociocomunicativas imersas na cultura digital, para além dos contextos escolares.

Portanto, no tocante ao ensino escolar, promover formações docentes que articulem as influências da cultura digital nas práticas linguísticas dos alunos como um fenômeno linguístico natural, seria uma ação significativa para a propagação da discussão e, ainda, uma possível transformação de ideias enraizadas no cenário educacional brasileiro, em que a norma culta da língua portuguesa ainda é vista como variante linguística soberana, em detrimento das demais.

Reconhecer o internetês como um dialeto legítimo da língua portuguesa e acolhê-lo na escola contribui para a construção de uma atmosfera de tolerância e respeito à identidade cultural dos sujeitos, combatendo o preconceito linguístico que censura o internetês e também os demais dialetos da língua portuguesa que não a norma culta padrão. Ademais, porquanto o internetês seja bem-vindo nas escolas, alunos e professores estariam expostos a uma maior diversidade de usos da língua, o que, potencialmente, expandiria sua criatividade, contribuindo com os processos de ensino-aprendizagem.



Referências

BARBOSA, Antonia Alexandre. **Metamorfoseando a escrita:** transposição de marcas e estratégias gráficas no whatsapp para a redação escolar. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1448>. Acesso em: 01 mar. 2021.

BEZERRA, Benedito Gomes. O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na internet. *In*: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO – COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO COM TECNOLOGIAS, 5., 2013, Recife, PE. **Anais [...]**. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: <http://nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2013/O%20discurso%20acad%C3%AAmico%20sobre%20l%C3%ADngua%20e%20linguagem%20na%20internet.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FRUET, Fabiane Sarmento de Oliveira; WINCH, Paula Gaida; FAGAN, Daiane; ZEMOLIN; Ana Paula. Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa?. **Revista da Anpoll**, Campinas, v. 1, n. 26, p. 99-112, 2009. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/131/139>. Acesso em: 01 mar. 2021.

GOMES, Ana Lúcia; CORREA, Jane. Escrita teclada x escrita padrão na produção textual: a experiência de adolescentes brasileiros. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 22, p. 71-88, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v22n1/v22n1a04.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. **O internetês na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

LAUGHTON, Patrícia Braga Ferreira. Do papel às telas: novas perspectivas do processo educacional. **Revista Multitexto**, Montes Claros, v. 3, n. 2, p. 20-27, 2015. Disponível em: <http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/139>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. **Processos interacionais na Internet:** Análise da Conversação Digital. 2011. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22082012->



[112441/publico/2011_ArtarxerxesTiagoTacitoModesto.pdf](#). Acesso em: 01 mar. 2021.

MUTTON, Trevor. Teacher education and Covid-19: responses and opportunities for new pedagogical initiatives. **Journal of Education for Teaching**, v. 46, n. 4, p. 439-441, ago. 2020.

OLIVEIRA, Izabel Cristina Barbosa de; SANTANA, Ângela Barbosa de. O internetês e as novas configurações da escrita na língua portuguesa. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Campina Grande, PB. **Anais [...]**. Campina Grande, PB: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/48122>. Acesso em: 01 mar. 2021.

RIBAS, Elisângela; PINHO, Denise da Sena; LAHM, Ricardo Alexandre. A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes. **Revista Renote**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SCARAMAL, Junior; KRAEMER, Alessandro. A influência da Internet nas Variações Linguísticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE INFORMÁTICA E EDUCAÇÃO, 2., 2011, Cascavel, PR. **Anais [...]**. Cascavel, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2011. Disponível em: http://www.inf.unioeste.br/enined/anais/artigos_enined/A42.pdf. Acesso em: 01 mar. 2020.